

Wallan Masson¹
Poliana Lempk Furtado¹
Carlos Alberto Lazarini¹
Lucieni de Oliveira Conterno¹

**Self-medication among
medical students from the
Faculdade de Medicina
de Marília, São Paulo**

| Automedicação entre acadêmicos do curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Marília, São Paulo

ABSTRACT | Introduction: *Self-medication is an individual act of acquiring and making use of a drug without a prescription. This practice presents numerous damages. Studies suggest that factors such as study and profession influence it, being observed in more people linked to healthcare, including medical students. Objective:* *To describe the practice of self-medication among medical students at the Faculdade de Medicina de Marília (Famema) - SP, Brasil, and compare it among students at the beginning and at the end of the course. Methods:* *Cross-sectional study with a quantitative approach. Participated 362 students, who answered questions about sociodemographic and characterization of the practice of self-medication. For data analysis, the students were divided into two groups, based on the response patterns, being: group 1 (first to fourth grades) and group 2 (fifth to sixth grade). Descriptive analysis of the data was conducted by calculating percentages, means, standard deviations, and comparative analysis (chi-square and Fisher's exact). Results:* *98,3% of respondents reported practicing self-medication, advising with relatives (38,1%) and consulting books before this practice (21,5%). Most of them have used more than five drugs without prescription (26,5%), prevailing analgesics and antipyretics (60,5%), with predominant complaint of headache (55,5%). The most widely used justification for the practice was "looking for quick relief of symptoms." Conclusion:* *There is a need for greater approach on the issue of self-medication in academic activities in medical courses to raise awareness about the risks and provide training of professionals able to replicate this knowledge.*

Keywords | *Self medication; Medical students; Prevalence.*

RESUMO | Introdução: Automedicação consiste em ato de um indivíduo adquirir e fazer uso de um medicamento sem prescrição médica. Essa prática apresenta inúmeros prejuízos. Pesquisas sugerem que fatores, como estudo e profissão, influenciam tal prática, sendo mais observada em pessoas ligadas à área da saúde, incluindo estudantes do Curso de Medicina. **Objetivo:** Descrever a prática de automedicação entre estudantes do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Marília (Famema) - SP, Brasil, comparando-a entre os acadêmicos do início e término do curso. **Métodos:** Estudo transversal descritivo, com abordagem quantitativa. Participaram 362 estudantes, os quais responderam a questões de caracterização sociodemográfica e sobre a prática de automedicação. Para análise dos dados, os estudantes foram distribuídos em dois grupos, baseados nos padrões de resposta: Grupo 1 (primeira à quarta série) e Grupo 2 (quinta e sexta série). Foi realizada análise descritiva dos dados, calculando-se porcentagem, médias, desvios padrões e análise comparativa (teste qui-quadrado e exato de Fisher). **Resultados:** 98,3% dos entrevistados afirmaram realizar automedicação, aconselharam-se com parentes (38,1%) e consultaram livros antes dessa prática (21,5%). A maioria já utilizou mais de cinco medicamentos sem prescrição médica (26,5%), prevalecendo analgésicos e antitérmicos (60,5%), com queixa predominante de cefaleia (55,5%). A justificativa mais utilizada para a prática foi "busca de alívio rápido dos sintomas". **Conclusão:** Observa-se a necessidade de maior abordagem sobre a temática da automedicação em atividades acadêmicas no Curso de Medicina, a fim de que os estudantes se conscientizem sobre os riscos, proporcionando uma formação de um profissional capaz de multiplicar esse conhecimento.

Palavras-chave | Automedicação; Estudantes de Medicina; Prevalência.

¹Faculdade de Medicina de Marília, Marília/SP, Brasil.

INTRODUÇÃO |

Automedicação é definida como a iniciativa de um indivíduo adquirir e fazer uso de um medicamento sem atendimento médico adequado, de forma indevida, em dose erroneamente pressuposta como ideal e por período que lhe convém¹.

A automedicação é um comportamento bastante difundido no Brasil. São inúmeras as formas como é praticada, como seguir conselhos de amigos e familiares, ingerir medicamentos que sobraram de tratamentos prévios, associar sinais e sintomas anteriores aos atuais para determinar os medicamentos a serem utilizados, reutilizar receitas antigas e descumprir a prescrição profissional².

A baixa renda mensal da população e a pouca efetividade dos serviços de saúde podem ser fatores que possibilitam a obtenção de medicamentos, sem pagamento de consulta e sem prescrição médica, em qualquer estabelecimento farmacêutico, no qual é possível contar com a indicação de balconista interessado na venda³.

As classes sociais privilegiadas, por sua vez, praticam a automedicação devido à herança cultural e às facilidades que um maior poder aquisitivo proporcionam, como a compra de medicamentos de alto custo que são excessivamente divulgados pela mídia, a qual veicula principalmente propagandas para venda, sendo escassos os programas educativos e campanhas que orientem sobre os malefícios dessa prática¹.

Os principais prejuízos consequentes da automedicação incluem a possibilidade de sinais e sintomas da doença serem mascarados, gastos desnecessários, terapêutica inadequada, impossibilidade de recuperação plena, reações adversas ou alérgicas, intoxicação e possíveis internações hospitalares por novos e graves problemas³.

Dados estatísticos revelam que aproximadamente um terço das hospitalizações ocorridas no Brasil decorre de uso incorreto de medicamentos. De acordo com o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox), da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), os medicamentos são responsáveis por 27% das intoxicações e 16% dos casos de morte por intoxicações⁴.

Os possíveis fatores responsáveis por definir um padrão de automedicação nas diferentes populações são influenciados por: idade, gênero, educação, família, sociedade, lei, disponibilidade de medicamentos, exposição a propagandas, natureza da doença, entre outros. Estudo e profissão também são considerados fatores que podem influenciar a prática de automedicação, sendo mais

observada em profissionais e estudantes da área da saúde, dentre eles, estudantes do Curso de Medicina⁵.

O uso de automedicação tópica ocular em estudantes que já haviam cursado a disciplina Oftalmologia sugere que a confiança para a prática da automedicação está relacionada com o acúmulo de conhecimentos adquiridos por meio de vivências práticas, bem como os adquiridos em aulas de Farmacologia⁶.

A Faculdade de Medicina de Marília (Famema) mantém os Cursos de Medicina e Enfermagem. No final da década de 90, iniciou um processo de mudanças curriculares, com a utilização de metodologias ativas de ensino-aprendizagem, visando à formação de profissionais críticos e reflexivos, tendo como princípios a integração básico-clínica e a articulação teoria-prática⁷.

Nesse sentido, o curso de Farmacologia, desde a implantação das mudanças curriculares, distribui seus conteúdos ao longo das cinco primeiras séries, de maneira sistematizada, utilizando-se tanto da aprendizagem baseada em problemas (primeira à quarta série) quanto de situações reais vivenciadas na prática (primeira à quinta série). Sendo assim, os estudantes adquirem conhecimentos relacionados com essa temática ao longo de praticamente todo o curso⁸.

Diante dos riscos citados sobre a prática de automedicação e essa ação estar muito presente entre os estudantes que possuem a disciplina Farmacologia durante o curso de graduação, além de existirem poucos estudos realizados entre os estudantes de Medicina, observou-se a necessidade de uma pesquisa que caracterizasse o padrão de automedicação entre os acadêmicos desse curso, principalmente em uma escola que possui o desenho curricular, no qual os estudantes se aproximam dos conhecimentos relativos à Farmacologia, ao longo das cinco primeiras séries.

Dessa forma, este estudo teve por objetivo descrever a prática de automedicação entre estudantes do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Marília e compará-la entre os acadêmicos do início e término do curso.

MÉTODOS |

Estudo transversal descritivo, com abordagem quantitativa, realizado na Faculdade de Medicina de Marília, que está localizada no município de Marília, região centro-oeste do Estado de São Paulo. Foram convidados para o estudo todos os 480 estudantes regularmente matriculados no Curso de Medicina da Famema.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de fevereiro e junho de 2010, por meio de um questionário estruturado composto por duas partes: a primeira com questões de caracterização sociodemográficas e a segunda com 14 questões sobre a prática de automedicação, baseadas no questionário aplicado em um estudo sobre o perfil da automedicação em pacientes oftalmológicos⁹.

O questionário foi validado em estudo piloto e aplicado aos estudantes após ser aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Faculdade de Medicina de Marília, Protocolo de estudo nº 526/10. Os princípios éticos foram respeitados conforme a Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde.

O ingresso no Curso de Medicina da Famema é anual e, para análise dos dados, os estudantes dos quatro primeiros anos foram agrupados e chamados de Grupo 1 e os estudantes do quinto e sexto ano foram denominados de Grupo 2. Esse agrupamento se baseou no padrão de respostas encontradas.

Foi realizada análise descritiva dos dados demográficos e das variáveis estudadas, calculando-se porcentagem, médias e

os desvios padrões. Nas análises comparativas entre os dois grupos, foram utilizados o teste do qui-quadrado e exato de Fisher. Foram consideradas diferenças estatisticamente significativas as variáveis com $p \leq 0,05$. Foi utilizado o programa SPSS, versão 20.0, para a análise dos dados.

RESULTADOS |

Dos 480 estudantes convidados a participar da pesquisa, 362 (75,42%) concordaram. A amostra foi composta por 238 (65,7%) alunos de primeira a quarta série (Grupo 1) e 124 (34,3%) alunos de quinta e sexta série (Grupo 2). A média de idade foi de 22,91 ($\pm 2,37$) anos, sendo 197 (54,4%) mulheres e 165 (45,6%) homens. A maioria era de solteiros, 98,3% (356/362) e predominou uma renda familiar de mais de dez salários mínimos, 50,8% (184/362). Foi considerado o valor de R\$ 540,00 (quinhentos e quarenta reais) como um salário mínimo, na época. A maioria dos entrevistados (98,3%) afirmam realizar automedicação, não havendo diferença significativa entre os acadêmicos do Grupo 1 e Grupo 2 ($p=0,07$).

Tabela 1 – Dados relacionados com a busca de informações para prática de automedicação entre os acadêmicos do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Marília/SP, 2010

	Primeira à quarta série	Quinta e sexta série	Total (%)	p-valor
	(Grupo 1)	(Grupo 2)		
	n (%)	n (%)		
Número de estudantes	232 (65,2)	124 (34,8)	356 (100)	
Aconselharam-se com terceiros	184 (50,8)	61 (16,9)	245 (67,7)	0,00
vizinhos	4 (1,1)	2 (0,6)	6 (1,7)	1,00
parentes	138 (38,1)	29 (8,0)	167 (46,1)	0,00
amigos	53 (14,6)	27 (7,5)	80 (22,1)	0,91
farmacêuticos	58 (16,0)	7 (1,9)	65 (18,0)	0,00
balconista de farmácia	25 (6,9)	4 (1,1)	29 (8,0)	0,01
estudantes 4ª série	2 (0,5)	1 (0,3)	3 (0,8)	1,00
estudantes 5ª série	4 (1,1)	1 (0,3)	5 (1,4)	1,00
estudantes 6ª série	35 (9,6)	26 (7,1)	61 (16,8)	0,17
Utilizaram conhecimento prévio	182 (50,3)	120 (33,1)	302 (83,4)	0,00
Consultaram literatura	161 (44,5)	115 (31,8)	276 (76,2)	0,00
Internet	47 (13,0)	39 (10,8)	86 (23,8)	0,01
Livro	78 (21,5)	68 (18,8)	146 (40,3)	0,00
Revista científica	9 (2,5)	19 (5,2)	28 (7,7)	0,00
Utilizaram receitas antigas	86 (23,8)	43 (11,9)	129 (35,6)	0,78
Próprias	81 (22,4)	40 (11,0)	121 (33,4)	0,73
Parentes	7 (1,9)	5 (1,4)	12 (3,3)	0,76
Seguiram as instruções da bula	186 (51,4)	99 (27,3)	285 (78,7)	0,57

Em relação ao aconselhamento com terceiros para a prática da automedicação, 245 (67,7%) afirmaram procurar orientação de outras pessoas, havendo predomínio significativo do Grupo 1 em relação ao Grupo 2 (50,8% e 16,9%, $p=0,00$). Os parentes foram as pessoas mais procuradas como fonte de informações, 46,1% (167/356), havendo predomínio do Grupo 1 em relação ao Grupo 2 (38,1% e 8,0%, $p=0,00$). Os amigos foram os segundos mais procurados, não havendo diferença significativa entre os grupos de estudantes (14,6% do Grupo 1 e 7,5% do Grupo 2, $p=0,91$). Os farmacêuticos foram mais procurados pelo Grupo 1 (16,0%) em relação ao Grupo 2 (1,9%), havendo diferença significativa entre eles, $p=0,00$. Também com diferença significativa, os balconistas de farmácia foram mais procurados pelos estudantes do Grupo 1 em relação ao Grupo 2 (6,9% e 1,1%, $p=0,01$). Os estudantes da sexta série do Curso de Medicina foram os acadêmicos mais procurados por informações, 16,8% (61/356), não havendo diferença significativa entre os grupos entrevistados ($p=0,17$). A maioria dos estudantes afirmou praticar a automedicação baseada em conhecimentos prévios, 83,4% (302/356). Essa afirmação foi mais evidenciada no Grupo 1 em relação ao Grupo 2, havendo diferença significativa

entre eles (50,3% e 33,1%, $p=0,00$). Os estudantes, em sua maioria, demonstraram que consultam a literatura antes da prática da automedicação, o que foi observado em 76,2% (276/356) das respostas dos acadêmicos. Houve predomínio significativo pela consulta no Grupo 1 em relação ao Grupo 2 (44,5% e 31,8%, $p=0,00$). As principais literaturas consultadas pelos acadêmicos foram livro, com 40,3% do total de estudantes, internet (23,8%) e revista científica (7,7%). O Grupo 1 de estudantes, comparado com o Grupo 2, consulta mais livro e internet, havendo diferença significativa entre os grupos ($p=0,00$ e $p=0,01$, respectivamente). O Grupo 2 consulta significativamente mais revista científica que o Grupo 1 para a prática da automedicação ($p=0,00$). Os acadêmicos afirmaram, em 35,6% (129/356) das respostas, que utilizaram receitas antigas para a prática da automedicação, não havendo diferença significativa entre os Grupos 1 e 2 ($p=0,78$). Declararam utilizar principalmente receitas antigas próprias (33,4%), seguido por receitas de parentes (3,3%), não havendo diferença significativa entre os Grupos 1 e 2 ($p=0,73$ e $p=0,76$, respectivamente). Para a utilização das medicações, 78,7% (285/356) dos acadêmicos disseram que consultam a bula: 51,4% dos acadêmicos do Grupo 1

Tabela 2 – Dados relacionados com a quantidade e grupo de medicamentos utilizados para prática de automedicação entre os acadêmicos do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Marília/SP, 2010 (continua)

	Primeira à quarta série (Grupo 1)	Quinta e sexta série (Grupo 2)	Total (%)	p-valor
	N (%)	N (%)		
Número de estudantes	232 (65,2)	124 (34,8)	356 (100)	
Número de medicamentos utilizados				
Pelo menos 1	3 (0,8)	5 (1,4)	8 (2,2)	0,130
2 ou 3	44 (12,2)	15 (4,1)	59 (16,3)	0,150
4 ou 5	89 (24,6)	45 (12,4)	134 (37,0)	0,930
Mais de 5	96 (26,5)	59 (16,3)	155 (42,8)	0,230
Nenhum	6 (1,7)	0 (0,0)	6 (1,7)	0,090
Grupo de medicamentos				
Analgésicos e antitérmicos	219 (60,5)	122 (33,7)	341 (94,2)	0,010
Anti-inflamatórios não esteroides	199 (55,0)	109 (30,1)	308 (85,1)	0,270
Antigripal	173 (47,8)	75 (20,7)	248 (68,5)	0,010
Descongestionante nasal	141 (39,0)	66 (18,2)	207 (57,2)	0,270
Antialérgicos	118 (32,6)	89 (24,6)	207 (57,2)	0,000
Xarope para tosse	113 (31,2)	52 (14,4)	165 (45,6)	0,310
Grupo de medicamentos				
Antiácidos	97 (26,8)	59 (16,3)	156 (43,1)	0,210
Antibióticos	87 (24,0)	63 (17,4)	150 (41,4)	0,009
Anticoncepcionais orais	32 (8,8)	26 (7,2)	58 (16,0)	0,060
Corticoides	18 (5,0)	22 (6,1)	40 (11,0)	0,003
Anabolizantes esteroides	0 (0,0)	3 (0,8)	3 (0,8)	0,040

e 27,3% do Grupo 2, não havendo diferença significativa entre eles ($p=0,57$) (Tabela 1).

A maioria dos acadêmicos apontou já ter usado mais de cinco medicamentos sem receita médica (42,8%), seguido por quatro ou cinco (37,0%). Não houve diferença significativa na quantidade de medicamentos utilizados para a prática de automedicação entre os dois grupos. Os principais fármacos utilizados sem a prescrição médica pelos acadêmicos de Medicina foram analgésicos e antitérmicos, indicados por 94,2% dos estudantes, seguidos por anti-inflamatórios não esteroides (85,1%), antigripal (68,5%), descongestionantes nasais e antialérgicos (ambos com 57,2%), xarope para tosse (45,6%), antiácidos (43,1%) e antibióticos (41,4%). Das 165 mulheres, 58 (35,15%) afirmaram utilizar anticoncepcionais orais sem prescrição médica e 0,8% do total dos estudantes (3/356) declarou utilizar anabolizantes esteroides (Tabela 2).

A Tabela 4 demonstra que o principal motivo que levou à prática da automedicação foi cefaleia, indicada por 85,4% dos acadêmicos, seguido por resfriado ou gripe (82,3%), febre (81,5%), odinofagia (67,7%), alergias (53,6%) e dispepsia (47,8%). Entre as justificativas apresentadas para a prática da automedicação, a “busca de alívio rápido dos sintomas” aparece em 76,5% (277/356) das respostas, não apresentando diferença significativa entre o Grupo 1 e o Grupo 2 de estudantes (51,4% e 25,1%, $p=0,31$).

Também sem diferença significativa entre os grupos, a justificativa “indisponibilidade de tempo para ir ao médico” é assinalada em 34,8% (126/356) dos questionários (24,6% no Grupo 1 e 10,2% no Grupo 2, $p=0,15$). “Possuir conhecimento farmacológico necessário para determinar o próprio tratamento” aparece em 21,8% (79/356) dos questionários, sendo 9,1% no Grupo 1 e 12,7% no Grupo 2, com diferença significativa entre eles ($p=0,00$). “Acesso dificultado ao serviço de saúde” é justificativa para 8,0% (29/356) dos acadêmicos, sendo 6,9% para os do Grupo 1 e 1,1% para os do Grupo 2, apresentando diferença significativa entre os grupos, $p=0,01$ (Tabela 3).

DISCUSSÃO |

O perfil observado na população entrevistada mostrou não haver diferenças significativas entre o gênero, o estado civil e a renda familiar. Observou-se que os estudantes do Grupo 2 são mais velhos que os do Grupo 1 ($p\leq 0,001$), diferença essa esperada, uma vez que os do Grupo 2 são estudantes da quinta e sexta série.

Evidenciou-se uma alta prevalência da prática de automedicação entre os acadêmicos do Curso de Medicina da Famema (98,3%). Estudos semelhantes, realizados tanto na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) quanto na Faculdade de Medicina da Universidade Metropolitana

Tabela 3 – Dados relacionados com os sinais e sintomas que desencadearam a prática de automedicação e justificativas apresentadas para essa prática entre os acadêmicos do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Marília/SP, 2010

	Primeira à quarta série (Grupo 1)	Quinta e Sexta série (Grupo 2)	Total (%)	p-valor
	N (%)	N (%)		
Número de Estudantes	232 (65,2)	124 (34,8)	356 (100)	
Motivos que desencadearam a automedicação				
Cefaleia	201 (55,5)	108 (29,8)	309 (85,4)	0,500
Resfriado ou gripe	195 (53,9)	103 (28,5)	298 (82,3)	0,780
Febre	195 (53,9)	100 (27,6)	295 (81,5)	0,760
Odinofagia	163 (45,0)	82 (22,7)	245 (67,7)	0,640
Alergias	113 (31,2)	81 (22,4)	194 (53,6)	0,001
Dispepsia	111 (30,7)	62 (17,1)	173 (47,8)	0,540
Cólica	106 (29,3)	45 (12,4)	151 (41,7)	0,130
Ferimento cutâneo	68 (18,8)	18 (5,0)	86 (23,8)	0,003
Doenças pulmonares	15 (4,1)	14 (3,9)	29 (8,0)	0,090
Justificativas apresentadas para prática de automedicação				
Indisponibilidade de tempo	89 (24,6)	37 (10,2)	126 (34,8)	0,150
Acesso dificultado ao serviço de saúde	25 (6,9)	4 (1,1)	29 (8,0)	0,010
Busca de alívio rápido dos sintomas	186 (51,4)	91 (25,1)	277 (76,5)	0,310
Conhecimento necessário	33 (9,1)	46 (12,7)	79 (21,8)	0,000

de Santos (Unimes), mostram uma prática presente em 76,05% e 94,36% dos acadêmicos do Curso de Medicina, respectivamente^{6,10}. Esses resultados sugerem que essa é uma prática prevalente entre universitários desse curso¹¹, principalmente em séries mais avançadas⁶.

Com referência à prática de automedicação e ao aconselhamento com terceiros, os estudantes do Grupo 1 demonstraram solicitar mais informações do que os do Grupo 2 ($p=0,00$). Esses dados sugerem que os acadêmicos de séries mais avançadas possam ter maior confiança e segurança para a automedicação, possivelmente influenciados por conhecimentos adquiridos pela mídia eletrônica, em atividades acadêmicas ou em experiências próprias.

Essa experiência pode ser expressa pelo uso de receitas antigas, uma vez que a pessoa reutiliza devido à vivência prévia de melhora, fato evidenciado em nosso estudo por 35,6% (129/362) dos estudantes, corroborando os achados das pesquisas realizadas com acadêmicos do Curso Medicina da Ufjf e Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp), em que os estudantes afirmaram que utilizaram receitas antigas em 26,28% e 50,5% das respostas, respectivamente^{6,12}.

Além disso, os achados apontam que estudantes das primeiras séries do Curso de Medicina buscam mais informações para a prática da automedicação, enquanto acadêmicos de séries mais avançadas buscam informações em si próprios⁶. Em nosso estudo, os estudantes do Grupo 1 buscaram mais informações com parentes e farmacêuticos em relação ao Grupo 2.

Dando ênfase a essa hipótese, encontrou-se que, quando os acadêmicos procuraram informações com outros estudantes, essa busca ocorre principalmente aos alunos da sexta série, não havendo diferença significativa entre o Grupo 1 e o Grupo 2 ($p=0,17$). Um estudo realizado com estudantes de Medicina em Mengalore, Índia, identificou que a principal fonte de busca de informações são suas próprias anotações (39%), seguida de consultas a colegas de classe e estudantes de séries mais avançadas (38%)¹³.

Um achado que pode demonstrar uma maior confiança e segurança para a prática da automedicação entre os acadêmicos de séries mais avançadas está na diferença significativa encontrada em relação à busca de informação antes da automedicação, em que os acadêmicos do Grupo 1 consultaram mais a literatura que o Grupo 2 ($p=0,00$), principalmente internet, livro e bula ($p=0,01$, $p=0,00$ e $p=0,03$, respectivamente).

Outra diferença significativa encontrada entre os estudantes do início e término do Curso de Medicina foi a justificativa

apresentada para a prática da automedicação. Acadêmicos das primeiras séries utilizaram mais a justificativa de “acesso dificultado aos serviços de saúde” em relação aos de quinta e sexta série ($p=0,01$) e menos a justificativa “posso conhecimento necessário para a automedicação” ($p=0,00$). Uma possível hipótese para essas diferenças pode ser a inserção dos estudantes das duas últimas séries no ambiente hospitalar durante o internato, o que possibilita uma facilidade de acesso e contato com médicos, bem como maior confiança e segurança para prescrição de medicamentos.

Dados da literatura mostram que existem muitos motivos que levam as pessoas à realização da prática de automedicação, dentre eles, custos elevados de consultas médicas e ansiedade em sanar os sintomas rapidamente¹, bem como inacessibilidade dos serviços de saúde, longo tempo de espera nas filas de atendimento e, algumas vezes, necessidade de aguardar por dias ou meses para obter uma consulta médica⁴.

A maioria dos acadêmicos deste estudo afirmou consultar a bula antes da prática da automedicação (78,7%), não havendo diferença significativa entre as séries do curso. Estudos realizados na UFJF e na Unaerp também demonstraram alta prevalência dessa consulta, 86,52% e 77,5% respectivamente^{6,12}.

Pesquisa desenvolvida para a Associação Nacional de Farmácias (ANF) mostra que os riscos da automedicação são acrescidos conforme aumenta o número de medicamentos que o indivíduo ingere concomitantemente, prática essa conhecida como polifarmácia e presente entre os estudantes do Grupo 1, com mais de 50% ingerindo quatro medicamentos ou mais, e, no Grupo 2, com quase 30% ingerindo quatro medicamentos ou mais. Estão implicados na gênese da polifarmácia aspectos como o número de médicos consultados, a ausência de perguntas durante a consulta médica sobre as medicações em uso e a automedicação, além da presença de comorbidades¹⁴.

As principais classes de medicamentos utilizados pelos estudantes entrevistados foram os analgésicos e antitérmicos, anti-inflamatórios não esteroides, antigripal, descongestionantes nasais e antialérgicos, xarope para tosse e antiácidos. Estudos apontam que as classes de medicamentos mais utilizados, independentemente da população estudada, são os analgésicos^{15,16}, anti-inflamatórios e antitérmicos¹².

Em relação aos motivos que levam os acadêmicos a se automedicarem, observa-se que os principais são cefaleia, resfriado ou gripe, febre, odinofagia, alergias e dispepsias, dados semelhantes aos verificados por outros estudos¹⁰.

No Brasil, observa-se que a prática da automedicação é regulamentada. Essa prática ajuda a reduzir a demanda dos serviços de saúde. A Organização Mundial de Saúde (OMS) apresenta essa prática como “automedicação responsável”, definida em indivíduos que tratam seus sintomas e males com medicamentos aprovados e distribuídos sem prescrição médica, os quais são seguros e efetivos quando as instruções para o uso são seguidas⁶. Embora, no Brasil, a aquisição de determinados medicamentos sem prescrição médica seja regulamentada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), faltam orientações, como posologia, indicações e contraindicações aos usuários¹. Em estudo que comparava alunos da segunda com os da quarta série do Curso de Medicina, demonstrou-se que os da quarta série se automedicavam de forma mais adequada em relação à posologia e tempo de tratamento, do que os estudantes da segunda. Mostrou, ainda, que ambos possuíam conhecimento sobre os riscos e benefícios da prática de automedicação, porém os acadêmicos da quarta série apresentavam maior percentual para essa prática, utilizando, como principal justificativa, a indisponibilidade de tempo para ir às consultas médicas⁵. Dados da literatura mostram que a maioria dos acadêmicos do Curso de Medicina conhece os riscos da prática de automedicação, porém acham desnecessárias as orientações médicas para a compra de medicamentos⁶.

Segundo a OMS, os medicamentos devem ser prescritos de acordo com a necessidade do seu uso, adequação às patologias, em dose e por períodos adequados, além de também serem considerados a disponibilidade do fármaco e o preço acessível. A Política Nacional de Medicamentos corrobora essa proposta para o uso racional de medicamentos⁴.

CONCLUSÃO |

Em frente ao exposto, é possível inferir que a automedicação envolve uma gama complexa de fatores, como classe social, nível de escolaridade, redes sociais, os quais foram observados no presente estudo. Nessa direção, é fundamental que aspectos culturais, organizacionais e políticos sejam levados em conta, ao se estudar fatores contextuais como os citados. Deve-se compreender que o contexto é abrangente, isto é, conforme Frohlich, Corin e Potvin¹⁷, é criado por meio das relações entre as pessoas e reflete de modo simultâneo o lugar e as características delas de maneira recursiva.

Nessa perspectiva, observou-se que o principal motivo que impulsionou os entrevistados ao uso indevido de medicamentos foi o alívio da dor. A indicação de terceiros foi uma ferramenta potente para tal prática. Acredita-se que

este último argumento esteja relacionado com o fato de confiarem na indicação de parentes e amigos e na resolução de seus problemas de doença pelo uso do fármaco.

Assim, observa-se a necessidade de maior abordagem sobre a temática da automedicação em atividades acadêmicas no Curso de Medicina, a fim de conscientizar os estudantes sobre os riscos e proporcionar uma formação de um profissional capaz de multiplicar esse conhecimento. Como se trata de tema complexo, a abordagem educativa a ser adotada deve ser ampla e reflexiva, contemplando os diferentes fatores que estão envolvidos no processo que culmina na prática da automedicação.

REFERÊNCIAS |

- 1 - Automedicação. Rev Assoc Med Bras [periódico online] 2001; 47(4):269-70 [citado 2011 out 9]. Disponível em: URL: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010442302001000400001&lng=en.
- 2 - Loyola Filho AI, Uchoa E, Guerra HL, Firmo JOA, Lima-Costa MF. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. Rev Saúde Pública 2002; 36(1):55-62.
- 3 - Sá MB, Barros JAC, Sá MPBO. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro-PE. Revista Brasileira de Epidemiologia. Rev Bras Epidemiol 2007; 10(1):75-85
- 4 - Aquino DS. Por que o uso racional de medicamentos deve ser uma prioridade? Ciênc Saúde Coletiva 2008; 13 (Supl):733-6
- 5 - James H, Handu SS, Al Khaja KAJ, Sequeira RP. Influence of medical training on self-medication by students. Int J Clin Pharmacol Therapeut 2008; 46(1):23-9.
- 6 - Chehuen Neto JA, Sirimarco MT, Choi CMK, Barreto AU, Souza JB. Automedicação entre estudantes da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. HU Revista 2006; 31(3):59-64.
- 7 - Faculdade de Medicina de Marília. Currículo 2004. Marília: Faculdade de Medicina de Marília; 2004. [citado 2010 nov 12]. Disponível em: URL: <http://www.famema.br/curriculo>.
- 8 - Faculdade de Medicina de Marília. O currículo do curso de medicina. Marília: Faculdade de Medicina de Marília; 2004 [citado 2010 nov 12]. Disponível em: URL: <http://www.famema.br/pbl/index.htm>.

9- Servidoni AB, Coelho L, Navarro ML, Ávila FG, Mezzalira R. Perfil da automedicação nos pacientes otorrinolaringológicos. Rev Bras Otorrinolaringol 2006; 72(1):83-8.

10 - Fonseca FIRM, Dedivitis RA, Smokou A, Lascane E, Cavalheiro RA, Ribeiro EF, et al. Frequência de automedicação entre acadêmicos de faculdade de medicina. Diagn Tratamento 2010; 15(2):53-7.

11 - Schuelter-Trevisol F, Trevisol DJ, Jung GS, Jacobowski B. Automedicação em universitários. Rev Bras Clin Med 2011; 9(6):414-7.

12 - Silva RCG, Oliveira TM, Casimiro TS, Vieira KAM, Tardivo MT, Faria Júnior M, Restini CBA. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. Medicina (Ribeirão Preto) 2012; 45(1):5-11

13 - Badiger S, Kundapur R, Jain A, Kumar A, Pattanshetty S, Thakolkaran N, Bhat N, Ullal N. Self-medication patterns among medical students in South India. Australas Med J 2012; 5(4):217-20.

14 - Rollason V, Vogt N. Reduction of polypharmacy in the elderly: a systematic review of the role of the pharmacist. Drugs and Aging 2003; 20(11):817-32.

15 - Sarahroodi S, Maleki-Jamshid A, Sawalha AF, Mikaili P, Safaician L. Pattern of self-medication with analgesics among Iranian University students in central Iran. J Family Community Med 2012; 19(2):125-9.

16 - Silva LSF, Costa AMDD, Terra FS, Zanetti HHV, Costa RD, Costa MD. Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do sul do Estado de Minas Gerais. Odontol Clín.-Cient 2011; 10(1):57-63.

17 - Frohlich KL, Corin E, Potvin L. A theoretical proposal for the relationship between context and disease. Sociol Health Ill 2001; 23(6):776-97.

Correspondência para/Reprint request to:

Wallan Masson

Rua Augusto Genta, 589/22

Jd. Portal do Sol - Marília - SP

Cep.: 17519-340

E-mail: enfwallan@gmail.com

Recebido em: 13-12-2012

Aceito em: 28-12-2012